

FRUTAS LEGUMES E FLORES

DESDE
1992

VISTA DOS PROFISSIONAIS... AO SEU ALCANCE

FRUTOS DE CAROÇO

MENOS OFERTA E AUMENTO DA PROCURA
RESULTA NUM REEQUILÍBRIO DOS PREÇOS

ANTÓNIO LOPES DIAS

Director executivo da Anipla

«É URGENTE PARTILHAR COM A SOCIEDADE
O TRABALHO DOS PRODUTORES»


Bilhete de Identidade

- Nome: António José Lopes Dias
- Formação académica: Licenciatura em Engenharia Agronómica
- Cargo actual: Director Executivo da Anipla

«É URGENTE PARTILHAR COM A SOCIEDADE O TRABALHO DOS PRODUTORES»

Existe um claro afastamento entre consumidores e produtores que precisa de ser trabalhado em toda a cadeia de valor. Quem o defende é António Lopes Dias, director executivo da Associação Nacional da Indústria para a Protecção das Plantas, que desmistifica algumas ideias que ainda prevalecem relativamente ao sector agroalimentar e aos diferentes modos de produção agrícola.

Ana Gomes Oliveira

A questão da alimentação ganhou uma nova dimensão face ao surto de covid-19. Que oportunidades devemos retirar desta mudança?

Se dúvidas ainda havia, a pandemia veio criar as condições para que, mais uma vez, o sector lembre a opinião pública quanto à sua importância significativa, diria mesmo imprescindível. O sector não parou, antes reinventou-se, sobretudo na capacidade de adaptar processos logísticos, no desenvolvimento de vendas *online*, no apelo ao consumo do que é português e, quando ainda assim não bastasse, contribuiu para o Banco Alimentar e vários agricultores colocarem ainda os seus pulverizadores ao serviço de autarquias na desinfectação de áreas urbanas. Paralelamente, atendendo às limitações impostas ao nível do transporte de bens entre países, esta realidade permitiu atribuir uma maior relevância à capacidade de produção de cada país, colocando no centro a acção do

agricultor enquanto fonte e garante da cadeia agroalimentar. Por outro lado, o facto desta pandemia ter resultado de fenómenos que ainda não estão absolutamente claros e que colocaram no centro da discussão o tema da segurança de todos nós, creio que permitiu que os cidadãos tenham compreendido a importância de palavras como "segurança", "ciência" ou "investigação". Acredito que toda a sociedade passou a dar muito mais valor ao trabalho que é realizado por profissionais e técnicos para que todos possamos viver de forma mais segura e conhecedores das opções que fazemos.

Neste que é o Ano Internacional da Sanidade Vegetal, considera que Portugal tem alimentos cada vez mais seguros e sustentáveis?

A segurança alimentar é um dado adquirido ao nível da UE. Os resultados publicados pelas autoridades competentes, com

especial destaque para a EFSA – Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar, têm sido unânimes e consistentes quanto a uma Europa que produz alimentos que cumprem as mais rigorosas regras de segurança. Neste quadro, Portugal não pode, naturalmente, ter um desempenho diferente. Quantas vezes se ouviu falar sobre problemas de qualidade ou segurança de produtos à venda nos canais regulados e controlados? Além de contarmos hoje com um cidadão consumidor muito mais informado e atento, a própria distribuição moderna, que assegura uma enorme fatia do abastecimento das famílias em Portugal, impõe critérios muito exigentes de qualidade aos produtos que coloca à venda nas suas lojas, o que faz com que toda a cadeia de valor esteja alinhada e orientada para a qualidade e segurança dos produtos.

Como associação que representa 95% do mercado nacional de produtos fitofarmacêuticos, diria que Portugal é já um exemplo a seguir quanto à utilização segura e eficaz desses mesmos produtos?

Em Portugal, como em outros países, existe formação adequada a todos os que de uma forma ou de outra lidam com produtos fitofarmacêuticos. A Anipla tem sido um protagonista no objectivo de promover a utilização sustentável dos fitofarmacêuticos. Com a criação do Valorfito, iniciativa da indústria com o apoio da Groquifar, o projecto Cultivar a Segurança, o projecto Topps, tudo em demonstração na Smart Farm, tem sido possível passar informação quer directamente, quer através de parceiros como a CAP e a Confagri, a um grande número de profissionais, o que nos garante que estamos no bom caminho relativamente a este desígnio. Como uma indústria que apoia a produção alimentar sustentável, os agricultores e a segurança alimentar, o nosso principal negócio é disponibilizar uma variedade de soluções agrícolas inovadoras, sejam elas químicas, biológicas, digitais ou ainda através da biotecnologia. A agricultura é diversificada. Não existe uma única solução que sirva todos os sistemas produtivos. Razão pela qual a indústria procura desenvolver soluções cada vez mais sustentáveis tanto para os agricultores como para os consumidores.

Apoiamos o setor da agricultura, os produtores e a produção de Portugal! Somos empenhados na redução dos custos da sua Empresa!

A ENERGIA DAS EMPRESAS

ELECTRICIDADE **GÁS NATURAL**

TARIFÁRIOS EMPRESARIAIS
 Representação de Comercializadora Eléctrica

- CONSULTORIA RENOVÁVEIS
- GESTÃO CORPORATED PROJECT MANAGER
- BUSINESS INTELIGENCE
- ENERGY EFFICIENT PLAN
- AUDITORIAS ENERGÉTICA
- INSPEÇÕES GÁS/MÁQUINA
- INSTALAÇÕES ELÉTRICAS CORPORATE

agrotarifários

<https://www.sinergiasconsulting.com> **#juntosomosmaisenergia**

Foi no seguimento dessa demanda que lançaram a campanha “Considere os Factos”?

Sim, uma campanha dirigida a toda a população, que teve na sua génese o objectivo de propor uma reflexão pública entre o sector agrícola e toda a sociedade civil, quanto à importância e necessidade da utilização responsável e segura de produtos fitofarmacêuticos. Esta foi uma acção muito abrangente, já que numa primeira fase procurámos aproximar a população dos principais desafios com que o sector agrícola se depara, concretamente, culturas que se encontram em maior risco e principais mitos ligados à alimentação. Num segundo momento fomos testar o conhecimento da população portuguesa sobre esses mesmos mitos e percebemos, com os resultados obtidos, que existe um claro afastamento entre consumidores e produtores. Este trabalho revelou-se especialmente pertinente e interessante, do ponto de vista da estratégia de comunicação do sector, que precisa de ser cada vez mais de dentro para fora. Os tempos difíceis que vivemos actualmente, vieram reforçar esta necessidade urgente de partilhar com a sociedade o trabalho dos produtores de alimentos, que continuam dia após dia a produzir, num negócio a céu aberto, e perante as adversidades de uma natureza que não pára de nos surpreender.

O incremento da agricultura biológica em Portugal tem tido impacto nas indústrias que fabricam e comercializam produtos fitofarmacêuticos?

É muito importante começar por dizer que a dicotomia criada de forma forçada, há vários anos, entre as chamadas agriculturas “biológica” e “convencional” é um enorme mito que é urgente desfazer. Esta ideia leva o consumidor a acreditar que existe uma agricultura da “Primeira Liga” e outra da “Liga de Honra”, ou ainda, uma agricultura boa e uma menos boa quando na verdade, esta está longe de ser uma afirmação justa. Seja qual for o método de produção utilizado, em qualquer um deles estará presente o perigo da proliferação de doenças, pragas e infestantes que devastam culturas. Em qualquer um dos casos, o agricultor socorre-se das ferramentas que tem à

disposição, entre as quais os produtos fitofarmacêuticos, para evitar a destruição de culturas. Assim, e atendendo a uma legislação cada vez mais apertada e restritiva a este nível, em qualquer dos formatos, a preservação dos solos e explorações está garantida por apertadas normas de utilização de técnicas de combate a este tipo de pragas e infestantes. Sem diferenças e mantendo uma preocupação comum: produzir de forma consciente, responsável e, acima de tudo, sustentável.

E aí a indústria tem um papel importante...

A indústria busca constantemente, através de parte significativa dos seus resultados que investe em Investigação e Desenvolvimento, soluções cada vez mais eficientes para o controlo dos problemas fitossanitários das culturas, sejam elas de “matriz” convencional ou biológica. Proteger melhor com o menor impacto possível quer no ambiente quer nos utilizadores e consumidores, é o que rege a actuação da indústria.

Há uma meta na nova estratégia da Comissão Europeia que se prende com a redução da utilização de pesticidas em 50% até 2030. Parece-lhe uma “missão” viável?

A indústria está solidária com a busca de todas as soluções que consolidem a sustentabilidade da agricultura. Mas temos de ser realistas. A meta indicada é arbitrária e não tem qualquer base científica. Parte até de dois pressupostos errados: um é que os agricultores usam fitofarmacêuticos, mesmo quando não necessitam deles; e outra, que é possível manter a produtividade reduzindo por decreto a protecção das culturas. A Europa conta com alguns dos procedimentos de autorização de produtos fitofarmacêuticos mais rigorosos do mundo, o que permite disponibilizar alimentos com elevada segurança e qualidade. As boas práticas agrícolas, como os sistemas de protecção integrada, relembram-nos como é possível assegurar o fornecimento de alimentos e a preservação e regulação dos ecossistemas. A ciência, investigação e tecnologia evoluem a passos largos todos os dias no fornecimento de alternativas sustentáveis e ambientalmente responsáveis. Com a apresentação da sua estratégia com vista à protecção da Biodiversidade, a Comissão Europeia integra uma proposta de redução para metade na quantidade de produtos fitofarmacêuticos em circulação, comprometendo: produtividade, rendimento e acessibilidade da população aos mais básicos alimentos. Mas perante esta proposta ficam muitas dúvidas: que futuro terá a nossa agricultura? E quanto custarão estas medidas a produtores e cidadãos? Reconhecemos a preocupação da sociedade e a vontade da Comissão e estamos disponíveis para dialogar sobre medidas adicionais de boas práticas que permitam uma redução do uso de produtos fitofarmacêuticos, mas sem comprometer a produção – com uma meta realista, baseada em critérios científicos. A pesquisa de mais e melhores soluções pela parte da Indústria (ex: biopesticidas, biotecnologia e agricultura de precisão), salvaguardando a resposta e adaptação às crescentes exigências de segurança ambiental, humana e animal, estão bem patentes no último Relatório do Estado do Ambiente, que





revela uma tendência significativa da redução da utilização de produtos fitofarmacêuticos, actualmente mais eficientes.

Como está a situação de Portugal quanto a essa matéria?

O Eurostat revelou há dias que entre 2011 e 2018, Portugal foi dos países que registou uma maior descida na venda (e consequente utilização) de produtos fitofarmacêuticos (-43%). O que significa que as boas práticas agrícolas, os sistemas de protecção integrada e a aplicação de estratégias cada vez mais eficientes estão a permitir-nos otimizar o que produzimos e assegurar que todos, sem excepção, acedam de forma segura e justa aos alimentos necessários para uma vida saudável. Com isto, o que pretendo dizer é que a missão que a Comissão Europeia veio agora anunciar já está a ser implementada pelo sector como um todo desde há muito.

Tem defendido a importância de se aliar ciência e tecnologia para aumentar a produtividade agrícola enquanto se mantém, ou promove a biodiversidade. Esta ligação tem sido conseguida?

Sim, com ou sem intervenção da indústria há inúmeros exemplos em que a produtividade tem sido aumentada, com um crescimento da biodiversidade e a preservação dos recursos naturais. Na nossa Smart Farm pode-se testemunhar isso mesmo. A Estação de Biodiversidade, na Smart Farm, é um dos melhores exemplos onde são demonstradas as melhores práticas a serem utilizadas pelos agricultores para combater os inimigos das culturas, otimizando os resultados da utilização de produtos fitofarmacêuticos. Algumas dessas práticas incluem as sementeiras das entrelinhas e bordaduras dos terrenos junto à cultura, com espécies atractivas aos polinizadores

e não só. Estas estruturas são locais de protecção ambiental por excelência, que podem albergar uma enorme variedade de espécies, protegendo e melhorando as condições de infiltração da água no solo. Consideramos que o aumento da sustentabilidade agrícola deve centrar-se no desempenho agrícola e não no modelo agrícola. Temos de apoiar todos os agricultores, sejam grandes e pequenos, para satisfazer as exigências dos consumidores de uma produção alimentar sustentável, protegendo e utilizando menos recursos naturais, limitados da Terra. É por isso necessária uma abordagem verdadeiramente holística para equilibrar estes elementos para conduzir à preservação da biodiversidade e à mitigação das alterações climáticas, preservando simultaneamente a capacidade dos agricultores de produzirem alimentos suficientemente seguros e saudáveis de forma sustentável.

Como é que o sector deve encarar a questão das alterações climáticas?

Com o mesmo sentido de responsabilidade de todos, desde as empresas aos cidadãos, desde o sector público ao sector privado. Estamos muito empenhados em encontrar soluções que preservem os recursos naturais, num conceito de produzir mais com menos. A propósito chamo a atenção para a campanha "More with Less" da European Crop Protection Association, de que a Anipla faz parte. Para além disto, temos ainda a responsabilidade de proporcionar soluções para as novas ameaças fitossanitárias, que são reais e vão ser sérias o que, por incrível que pareça, parece não ser do conhecimento de quem estabeleceu aquela meta relativa à estratégia "Do Prado ao Prato". Entendemos que as abordagens políticas devem ser ambiciosas e coerentes, mas sobretudo, facilitadoras. Devem garantir a ate-

nuação das alterações climáticas e a melhoria da biodiversidade, assegurando simultaneamente a viabilidade da agricultura europeia e um fornecimento resiliente de alimentos seguros e sustentáveis para todos. Esses não são objectivos mutuamente exclusivos e podem ser alcançados com uma abordagem equilibrada e baseada na ciência. O que significa que o trabalho da ciência, a par de um diálogo colectivo em prol da mitigação das mudanças climáticas, são a chave para o cumprimento de metas e objectivos que favorecem o ambiente.

Há críticas recorrentes por parte da produção, nomeadamente na fileira das flores, de que existem cada vez menos substâncias activas que consigam dar resposta efectiva ao combate a pragas e doenças. Há solução para este descontentamento?

É um facto que existem menos substâncias e essa será a tendência no futuro, infelizmente, apesar dos nossos esforços. Para estancar esta perda tem de haver um “toque a reunir” dos produtores. No caso concreto das flores há que explorar o melhor possível a possibilidade de registos por Usos Menores. Para isso há que contactar as empresas que detêm as substâncias requeridas.

Nestes tempos de mudança, que mensagem é importante passar?

Queria repetir algo que não me canso de dizer. Todos os par-

ceiros do sector, desde os factores de produção, aos produtores, à indústria transformadora e à distribuição devem perceber que todos dependem de todos e que ninguém pode considerar-se uma ilha. Por outro lado, existe uma opinião pública cada vez mais urbana e mais distante da realidade agrícola e, conseqüentemente, mais sensível a organizações líderes de opinião, de onde o nosso sector sai, quase sempre, como o “mau da fita”. Nesse sentido, os parceiros do sector alimentar devem encontrar uma estratégia de comunicação alargada e que seja, por via de factos, um polo de discussão pública, por forma a acabar com o monólogo a que actualmente assistimos quando se fala de agricultura nas redes sociais e, em geral, nos meios de comunicação generalista. ●



Uma das campanhas da Anipla: “Considere os factos”



Somos especialistas em armazenamento reefer

- Armazém com 3.000 m², dos quais 2.000 m² dedicados a carga refrigerada
- 4 câmaras multi temperatura com capacidade para receber 1.700 paletes

Excellence in Maritime and Logistics Services

Estrada da Quinta dos Carregos 2580-465 Carregado (Portugal)

M +351 91 887 18 00 - reeferutils@marmedsa.com

www.noatummaritime.com

